



Uma existência degradada: o realismo literário em Meninos da vida, de Pier Paolo Pasolini

A degraded existence: literary realism in Meninos da vida, by Pier Paolo Pasolini

Dossiê: O Realismo e sua atualidade: arte, literatura e impasses intelectuais frente aos desafios da democracia

Ana Clara Vieira da Fonseca*

ORCID: 0000-0001-7005-4416

E-mail:
anaclaravf@gmail.com

Recebido: 15/08/2024

Aprovado: 09/12/2024

Resumo:

Pier Paolo Pasolini foi um dos maiores intelectuais do século XX, conhecido por representar, em suas obras, a situação vivida pelo povo em uma nação de capitalismo periférico como a Itália. "Meninos da vida" é seu primeiro romance e evidencia a vida nacional no contexto de crianças e adolescentes que habitam regiões periféricas de Roma, lidando com privações, abusos e criminalidade, de modo que a literatura age como captação da realidade. O objetivo deste trabalho é perceber o poder da crítica e da denúncia social na obra, utilizando como base teórica os trabalhos de Karl Marx e György Lukács, ou seja, parte-se da perspectiva de que a arte é uma atividade essencial para a mediação da realidade e permite o triunfo do realismo enquanto método ao revelar contradições sociais que não seriam percebidas de outro modo. A análise aqui desenvolvida ressalta a importância da linguagem crua e realista para retratar a vida nas periferias, buscando chocar o leitor e despertar sua consciência para a realidade social, além de observar como se apresenta, na obra, a relação entre o individual e o social.

Palavras-chave:

Pier Paolo Pasolini; realismo; degradação; exploração capitalista

Abstract:

Pier Paolo Pasolini was one of the most prominent intellectuals of the 20th century, renowned for representing, in his works, the situation experienced by people in a nation of peripheral capitalism such as Italy. "Ragazzi di vita" (Boys of Life) is his first novel and highlights the national reality in the context of children and adolescents inhabiting the outskirts of Rome, dealing with deprivation, abuse, and criminality, in a way that literature acts as a capture of reality. The objective of this work is to perceive the power of social criticism and denunciation in the work, using as a theoretical basis the works of Karl Marx and György Lukács, that is, starting from the perspective that art is an essential activity for the mediation of reality and allows the triumph of realism as a method to reveal social contradictions that would not be perceived otherwise. The analysis developed here highlights the importance of crude and realistic language to portray life in the outskirts, seeking to shock the reader and awaken their consciousness to social reality, as well as observing how the relationship between the individual and the social is presented in the work.

*Ana Clara Vieira da Fonseca é brasileira, graduada em Letras – Português pela Universidade de Brasília (UnB), mestre e doutora em Crítica Literária Dialética pela mesma instituição. Atualmente, atua como professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e realiza pesquisas a respeito da produção de Pier Paolo Pasolini.

Keywords:

Pier Paolo Pasolini; realism; degradation; capitalist exploitation

O vai-e-vem na ponte era tanto que mal se ouviam suas vozes. Havia também um trem, que passava, apitando, sob o viaduto, sem diminuir a velocidade na estação baixa; o caminho feito de trilhos se perdia na poeira e no sol que batia contra as milhares de casas em construção atrás da Nomentana. Fumando a bituca que o parceiro acabava de lhe dar, o garoto com a camiseta preta subiu numa das poltronas que estavam na carreta e se esparramou nela, com as pernas abertas e a cabeça toda cachinhos apoiada no respaldo. Assim, pôs-se a aspirar, feliz, os dois centímetros de cigarro que tinha entre os dedos, enquanto, em volta dele, na ponte, o tráfego dos transeuntes e das máquinas, com o avançar do meio-dia, aumentava.

“Meninos da vida”, publicado pela primeira vez em 1955, é o primeiro romance escrito por Pier Paolo Pasolini, um dos maiores intelectuais italianos de esquerda do século XX. Após seu envolvimento em um suposto caso de assédio a um menor no ano de 1949, acusação da qual foi inocentado pouco depois, perde seu emprego como professor em Casarsa, é expulso do Partido Comunista Italiano (PCI) e muda-se para Roma com sua mãe, em janeiro de 1950. Naquele contexto, passa dois anos desempregado e vive em uma das chamadas *borgate* - periferias romanas.

Sempre interessado na vida cotidiana, Pasolini convive com rapazes de famílias subproletárias e observa-os com atenção, de modo a compreender e captar seu modo de vida literariamente - uma existência marginalizada e degradada, marcada por violências e privações. Pasolini era verdadeiramente apaixonado por aquelas pessoas, frequentava suas casas, jogava futebol com as crianças, conhecia seus problemas e tentava ajudá-las como podia - inclusive financeiramente.

Inicialmente escrito como contos separados a respeito da vida cotidiana naquelas comunidades periféricas, “Meninos da vida” é resultado da reunião desse material e, é claro, do trabalho para que houvesse uma maior coerência na narrativa. Assim, o livro apresenta ao leitor um grupo de jovens que estão passando pela adolescência e entrando na vida adulta na periferia de Roma, narrando eventos que se passam entre o verão de 1943 e o início dos anos 1950. O protagonista, Riccetto, vive os anos da II Guerra Mundial e o pós-guerra em ambientes hostis, perde pessoas, familiares, amigos, e se resigna frente à desesperança, certo da impossibilidade de mudança. Ao observarmos como o grupo de rapazes passa seus dias e suas noites, praticando delitos, envolvendo-se em roubos e prostituição, nota-se que esse modo de vida representa a realidade desolada daquele mundo.

Mais conhecido no Brasil por sua obra cinematográfica, Pier Paolo Pasolini também produziu poesia, crítica, teatro e artes plásticas, e via a si mesmo, sobretudo, como um crítico, uma vez que a crítica social estava presente em todas as modalidades artísticas com as quais trabalhou. Em “Meninos da vida”, especificamente, nota-se o caráter de denúncia presente na narrativa realista que evidencia a degradação moral e material, relatando a vida de delinquência decorrente de uma situação social da qual os rapazes são vítimas. Sucesso de vendas e alvo de críticas negativas, o livro foi descrito como sujo, obscuro, perturbado e imoral por alguns críticos à época do lançamento, principalmente por narrar relações sexuais dos rapazes com prostitutas e cenas em que eles também se prostituem por alguns trocados.

Em seus escritos, nota-se que, para Pasolini, a realidade não corresponde ao que é imediato, aparente na superfície dos fenômenos, mas está relacionada à essência da vida social. Podemos dizer que, para ele, a realidade está no processo histórico, por mais contraditório que este possa ser. É esta paixão pelo real que aparece neste primeiro - e talvez o maior - romance pasoliniano, norteando sua atividade intelectual, fazendo-se presente nos seus outros trabalhos e indicando sua concepção de história comprometida com a centralidade histórico-social do ser humano.

Para representar a vida nas *borgate* romanas em “Meninos da vida”, Pasolini constrói um narrador observador que utiliza um falar romanesco para contar os desejos de Riccetto e de seus colegas, apresentando seus modos muito materiais de vida. É possível afirmar que ocorre uma espécie de rebaixamento linguístico da voz narrativa em direção ao dialeto falado pelos meninos, com um efeito que mistura língua, dialeto e gergo, ou seja, as gírias que superam o dialeto na obra por corresponderem ao modo como aqueles meninos falam entre si e por possuírem um componente de classe para além do falar regional. O resultado apresenta um vocabulário muito variado, especialmente no original em italiano, e pobreza semântica, o que sugere a intenção do autor de criar um narrador que entenda o falar específico daquele estrato social ao mimetizá-lo, representando uma língua particular necessária para exprimir aquele contexto excepcional.

Neste artigo, defende-se que a natureza dialética da relação centro-periferia está bem representada, em “Meninos da vida”, na segregação espacial sofrida pelos moradores das *borgate*. Em casas amontoadas, sem banheiros, condições de higiene e sem elementos básicos para a vida digna, vejamos os locais onde vive e por onde transita o subproletariado romano.

O primeiro capítulo, intitulado “Ferrobedò”, apresenta Riccetto, um rapaz que se levantara cedo para sua primeira comunhão, mas escapa da igreja à primeira oportunidade e se direciona para o local:

O Ferrobédò, ali embaixo, era como um quintal imenso, uma campina cercada encravada num pequeno vale, grande como uma praça ou um mercado de gado. Ao longo daquele recinto retangular abriam-se várias portas. De um lado alinhavam-se casinhas comuns de madeira; no outro ficavam os depósitos. Riccetto atravessou toda a extensão do Ferrobédò em meio à multidão barulhenta até alcançar uma das casinhas. Mas, ali, quatro alemães bloqueavam a passagem. Ao lado da porta havia uma mesinha virada, que Riccetto colocou nos ombros antes de correr para a saída, onde encontrou um rapaz que lhe disse: “Que está fazendo?”. “Vou levar pra casa, não está vendo?”, respondeu Riccetto. “Vem comigo, seu trouxa, vamos pegar coisa melhor!”. “Tá certo”, disse Riccetto. E jogou a mesinha, que um outro, passando por ali, agarrou.

Voltou para o Ferrobédò com o rapaz e enfiou-se nos depósitos. Ali pegaram um saco cheio de cordas. Depois o rapaz disse: “Vem cá carregar os pregos”. Assim, entre cordas, pregos e outras coisas, Riccetto fez cinco viagens de ida e volta à rua Dona Olímpia. O sol da tarde estava de rachar, mas o Ferrobédò continuava cheio de gente disputando o espaço com os caminhões que, espalhando rajadas de ar escaldante, desciam para Trastevere, Porta Portese, o Matadouro, São Paulo. (PASOLINI, 1985, p. 8 - 9).

Ferrobédò é a forma como os moradores daquela região se referem à Ferro-Beton, fábrica de metais e cimentos que possuía um grande depósito na *borgata* de Dona Olímpia, onde viviam Riccetto e seus colegas. O local, por sua relevância no cotidiano de indivíduos que praticam pequenos delitos para se manterem, tem grande relevância na narrativa; situação semelhante ocorre nos Mercados Gerais, locais que acabavam sendo saqueados por cidadãos famintos naqueles anos de guerra:

Nos Mercados Gerais não havia nada, nem mesmo uma banana. A multidão começou a dar voltas pelos depósitos, sob as coberturas, pelas vendinhas; não se conformava em sair de mãos vazias. Finalmente, um grupo de rapazes descobriu uma adega que parecia bem-suprida; pelas grades viam-se montões de pneus e câmaras, encerados, lonas e, nas prateleiras, queijos. A notícia logo se espalhou; quinhentas ou seiscentas pessoas se lançaram atrás do primeiro grupo a chegar ali. A porta foi derrubada e todos se arremessaram para dentro, pisoteando tudo e todos. Riccetto e Marcelo foram tragados pela multidão e carregados porta adentro. Viram-se descendo uma escada em caracol enquanto a multidão atrás empurrava e mulheres gritavam, meio sufocadas. A escadinha, abarrotada de gente, estalava. Um corrimão de ferro, frágil, cedeu, partiu-se, e uma mulher caiu, gritando, batendo a cabeça num degrau. Os de fora continuavam empurrando, “Morreu!”, berravam, horrorizadas, as mulheres. Não se podia entrar nem sair. Marcelo, que continuava descendo os degraus, deu um pulo, saltando por cima do cadáver; precipitou-se para dentro da adega e encheu a sacola com pneus. Perto dele outros rapazes pegavam todo que podiam. Riccetto havia sumido; talvez tivesse saído. A multidão dispersara-se. Marcelo saltou de novo por cima da mulher morta e correu para casa. (PASOLINI, 1985, p. 10 - 11)

O excerto anterior evidencia o desespero daquela população: quinhentas pessoas invadindo o local, pulando cercas e corrimões em busca de alimentos ou de itens que pudessem ser vendidos ou trocados por comida. Chama a atenção o falecimento da mulher que cai quando um corrimão de ferro cede e, mesmo que alguns percebam a tragédia, a luta por espaço e itens de algum valor comercial continua, com a banalização da morte naquele contexto de guerra. Assim, a representação da miséria é um exemplo da vida degradada que o sistema capitalista impõe a algumas camadas sociais.

Os rapazes retratados no romance vivem como pessoas em situação de rua; porém, apesar de alguns terem, sim, para onde voltar, muitas vezes, as famílias viviam em um só cômodo improvisado em abrigos montados em escolas, de modo que, além da

superlotação no reduzido espaço reservado para cada família, eles ainda precisavam lidar com pais e mães alcoólatras, outros parentes com doenças e cobranças por alguma ajuda financeira em casa, de modo que Riccetto e seus colegas preferem passar a noite pelas ruas, em qualquer lugar. É preciso, portanto, perceber que a situação daqueles rapazes que não estudam, não trabalham e passam seus dias cometendo delitos para subsistir é consequência de uma realidade capitalista e excludente, na qual apenas alguns têm oportunidades. Quando se fala em um contexto de guerra, esses elementos são ainda mais determinantes para indivíduos que vivem uma miséria social relacionada aos efeitos do capitalismo e do regime fascista em vigor.

Os meninos, então, passam os dias em busca de algum dinheiro. O próprio movimento dos dias, ou seja, o a passagem do tempo, é marcada por essa busca; aqui, já está evidente que nenhum deles frequenta a escola e seu aprendizado se dá nas ruas. Em “Meninos da vida”, o trabalho - formal ou informal - aparece esporadicamente, não fazendo parte do cotidiano dos rapazes. Vivendo com tantas privações, eles roubam, enganam e até se prostituem por algum trocado que possa garantir uma refeição, um copo de vinho, uma roupa, um par de óculos ou de calçados novos e até alguns minutos de prazer sexual - a depender de quanto dinheiro estiver disponível no momento:

Riccetto, antes de levar essa vida, já havia trabalhado por algum tempo: fora ajudante num serviço de camionetas em Monte Verde Novo. Mas roubou quinhentas liras de seu patrão e foi despedido. Assim, passava as tardes sem fazer nada, em Dona Olímpia, sobre Monte Casadio, com os outros rapazes que brincavam na pequena elevação amarelada pelo sol e, mais tarde, com as mulheres que vinham estender a roupa na grama seca. Ou então ia jogar bola na campina, entre os Blocos e o Monte do Esplendor, entre centenas de rapazes que brincavam nos quintais cheios de sol, na grama esturricada, na rua Ozanam ou na Dona Olímpia, diante do Grupo Escolar Franceschi, cheio de refugiados e despejados. (PAOSLINI, 1985, p. 12 - 13)

Nota-se que a questão do trabalho está relacionada à situação de desabrigo, uma vez que grande parte dos rapazes que acompanhamos no romance vem do Grupo Escolar Franceschi, escola que serve de abrigo àquelas famílias da *borgata* Dona Olímpia. Como se não bastasse a situação de miséria dos que viviam ali, ocorre um desabamento no prédio da instituição, causando a morte de parentes e de Marcelo, um dos rapazes que andam com Riccetto pela cidade.

Destaca-se que o desabrigo daqueles jovens não está apenas na questão da moradia, mas é constante, trata-se de um desamparo em todas as frentes de suas vidas. Convém lembrarmos que, no livro “A teoria do romance” (2009), o jovem Georg Lukács defende que o indivíduo moderno é solitário e que a forma romanesca é, por excelência, a expressão dessa situação de desabrigo. Em “Meninos da vida” vemos, a todo momento, a impotência de toda uma população perante um mundo hostil, em uma sociedade que prescindiria facilmente daqueles indivíduos. Para o leitor do romance, é

evidente, desde o início, que aqueles meninos não terão a possibilidade de transformar suas vidas; o movimento mais claro é o do declínio associado à passagem do tempo. Ainda que vejamos - e saibamos - que a guerra termina, assim como o regime fascista, a tônica do livro permanece sendo a desesperança.

Uma vez que o retorno para suas casas não é visto como uma boa opção pelos garotos, eles tendem a pernoitar em locais como grutas, canos, apartamentos abandonados, construções ou parques como o Villa Borghese. Cito:

[...] partiram correndo, alegres, rumo a villa Borghese que, entre todos os lugares onde havia bancos para dormir, era o que oferecia melhor divertimento. [...] Duas fileiras de oleando, em dois estreitos canteiros entre a rua e a calçada, cobriam com suas sombras os bancos. Atrás ficavam a ladeira e o picadeiro. Nos bancos havia gente a desfrutar do frescor. (PASOLINI, 1985, p. 53)

É também ali que prostitutas aguardam por um cliente interessado e os próprios meninos encontram alguém, em geral homens, disposto a pagar por sexo. Essa representação da prostituição masculina foi um ponto muito criticado quando o livro foi lançado, exatamente por ser considerado um aspecto de imoralidade. Em algumas passagens, enquanto se perguntam como poderiam conseguir dinheiro para o transporte ou outras necessidades, um dos membros do grupo decide ir até o parque e logo volta com dinheiro, ficando implícito o que precisou fazer para consegui-lo. Em outros, a relação não é tão mascarada, ainda que não seja tão explícita como aquelas em que eles contratam prostitutas:

“Você me olha”, disse Riccetto, acompanhando-lhe a direção do olhar.
A bicha fingiu ter sido pilhada, fingiu sorrir encabulada, com certa provocação no movimento da língua que, como uma cobra, lambeu os lábios secos. Pôs uma das mãos no peito, apertando nervosamente na garganta o colarinho aberto da camisa, um pouco como se quisesse se defender da umidade da noite, um pouco para proteger pudicamente sabe lá o quê dos olhares dos rapazes.
“Você gostaria, hein?”, fez Begalone.
“Sim, gostaria!”, respondeu a bichinha, levantando o ombro e fingindo-se aborrecida.
Alduccio começava a perder a paciência, também por se sentir um pouco ignorado.
“Então, vamos indo?”, perguntou.
“Aonde vai?”, perguntou a bicha, arrastando a voz.
“Ali mesmo, embaixo do rio, coragem”, disse Alduccio. (PASOLINI, 1985, p. 153)

Percebe-se que, em “Meninos da vida”, os espaços representados contribuem para que os personagens sintam-se excluídos e solitários, ainda que raramente apareçam sozinhos. Por não pertencerem realmente a nenhum dos lugares por onde passam, inclusive por se sentirem intrusos entre seus familiares, é constante o movimento dentro da cidade, em uma andança sem rumo, decidindo de improviso para onde irão, com qual objetivo e o que farão com o dinheiro levantado. Em diversos momentos, observamos o protagonista e algum colega caminhando pelas ruas de Roma, muitas vezes percorrendo grandes distâncias a pé por não possuir dinheiro para o ônibus e quase desmaiando de

fome, ficando evidente que a própria cidade não é um espaço que o acolha e ao qual ele pertença. Assim, a narrativa explora os aspectos físicos de construções e ambientes que reforçam a segregação social sempre presente em contexto capitalista, juntamente com as suas injustiças tão características.

Quanto às relações cultivadas pelos meninos, não se pode falar em amizade verdadeira. Muitas vezes, eles se acobertam e se ajudam, inclusive dividindo o dinheiro que conseguem levantar, mas também roubam uns dos outros e fogem quando a situação fica complicada, deixando colegas para trás. Até mesmo quando Riccetto se compromete com uma moça, começa a trabalhar como ajudante de um vendedor de peixe em um mercadinho para poder levar a namorada ao cinema, pensando até em casamento, trata-se de uma relação tóxica: “Quando estavam sozinhos [...] Riccetto se aborrecia tanto que, às vezes, ficava furioso de verdade. Então achava um pretexto qualquer para brigar e acabava dando algum tapa na moça” (PASOLINI, 1985, p. 109). O trabalho e o namoro não duram muito, é claro, e logo o rapaz está de volta aos delitos com seus colegas. Após alguns anos, ao final do livro, Riccetto encontra Agnolo, um dos rapazes com quem convivia nos primeiros capítulos, mas este não o reconhece de imediato, o que pode ser um sinal das transformações físicas causadas pela passagem do tempo, principalmente após os três anos que o protagonista passa na cadeia, ou da superficialidade dos relacionamentos.

As relações abusivas também ocorriam entre os rapazes. Um momento que exemplifica bem como a violência faz parte do cotidiano daqueles meninos é a passagem em que uma brincadeira no parque se transforma na tortura do jovem alemão Piattoletta, que é amarrado com os cordões que seguravam suas calças em um poste de luz enquanto os outros dançam e gritam ao se redor, supostamente imitando uma dança da morte indígena, e ateam fogo à grama seca e aos gravetos empilhados na base do poste.

A cena de humilhação também reflete a situação de crianças abandonadas à própria sorte, mais um exemplo do desabrigo característico do homem moderno em contexto capitalista expresso na forma romanesca. Ao representar a realidade daqueles meninos marginalizados, Pasolini evidencia a natureza contraditória das relações humanas que não poderia ser apreendida imediatamente pelo homem. Para o Marx maduro, a ação humana sobre a natureza é capaz de aprimorar pouco a pouco os sentidos humanos; ou seja, a arte é atividade e realização da essência humana. Por outro lado, as contradições que existem entre o homem e a sua essência, a alienação, impedem o desenvolvimento dos sentidos e fazem com que o indivíduo se torne insensível às coisas belas que o cercam (FREDERICO, 2013).

Em “Meninos da vida”, apesar da figura mais central de Ricetto ao longo da narrativa, a passagem do tempo também poderia ser vista como protagonista, assim como o próprio modo de vida dos rapazes. Há uma clara relação entre o barulho da cidade e elementos da natureza; o sol nasce e se põe, a natureza se transforma, as estações mudam, mas tudo é sempre igual. A própria vida, em suas mudanças transversais, parece sempre retornar à situação inicial: os rapazes, em sua errância, vivendo um dia após o outro, cometendo delitos, sendo presos, sendo libertados, voltando para a mesma realidade social. Ainda que os dias passem, nada muda de verdade. Até a morte, profundamente conectada à própria ideia de vida, surge no cotidiano dos rapazes como apenas mais um fenômeno que mostra o abandono do homem na natureza. Essa sensação de abandono e de não pertencimento é bem clara no trecho a seguir:

O Ferrobedò, ou, para dizer melhor, a Ferro-Beton, estendia-se à sua direita no rastro claro e doce da lua, um rastro de poeira branco e perfumado, em ordem e tão silenciosa que dentro de algum depósito se podia ouvir um vigia cantar a meia voz. E atrás, numa espécie de planalto, em contraluz no topo de grandes elevações negras, perfilava-se, imenso, o semicírculo de Monteverde Novo, pontilhado de luzes, sob faixas de nuvens que pareciam de porcelana no céu bem liso. Desde que a escola tinha ruído, Ricetto não aparecera mais naquelas paragens. E agora quase custava a reconhecê-las.

Havia limpeza demais, ordem demais; Ricetto não se encontrava naquilo tudo. O Ferrobedò, ali embaixo, era um espelho, com chaminés altas que quase alcançavam a estrada, com clareiras cheias de vigas empilhadas à perfeição, com os feixes de trilhos brilhando ao redor de algum vagão imóvel e negro, com as fileiras de depósitos que, pelo menos do alto, pareciam salões de dança, tão limpos eram, e com seus telhados avermelhados, todos iguais, em fila.

Também a rede de arame que acompanhava a escarpa cheia de tufo sobre a fábrica era novíssima, sem um buraco. Somente a velha guarita, ali perto da rede, continuava fétida e nojenta; os que passavam em frente continuavam, como antes, a fazer ali as suas necessidades: dentro e fora, e em toda a volta, havia pelo menos um palmo de sujeira. Aquele foi o único ponto que Ricetto achou familiar; não mudara naqueles anos todos, desde quando ele era garoto, logo após o fim da guerra. (PASOLINI, 1985, p. 160-161)

Até um espaço tão importante para o cotidiano daquelas famílias, o Ferrobedò, muda no tempo, mas a realidade daquelas pessoas continua a mesma. Após Ricetto passar um tempo preso, percebe que o mundo que conhecia muda, a sua cidade muda. Aqueles meninos, contudo, continuam estagnados, sem perspectivas de transformação e, agora, com aquela sensação de não pertencer ao seu local de origem. Ricetto crescera ali, mas, após o fim da guerra, aumenta nele o sentimento de alienação, o não reconhecimento daqueles locais que fizeram parte da sua vida. É o retrato de uma geração perdida e desolada.

Em um romance focado na vida de rapazes periféricos, vemos como a realidade se impõe na construção de uma grande obra de arte. Pasolini sempre se apresentou com uma postura de oposição à burguesia, preocupado em produzir obras que alcançassem o público italiano chamando a atenção para as questões de classe, envolvendo jovens em

questões políticas e refletindo sobre o pensamento de esquerda no seu tempo. Para ele, a esperança de transformação social estaria na juventude trabalhadora, autêntica.

Sob perspectiva marxista, a arte é uma maneira de revelar as conexões e as contradições da realidade para aqueles que não são capazes de percebê-las, conforme proposto por Lukács. Assim, a arte é vista como práxis, como forma de realização da essência humana. No entanto, em contexto de expansão capitalista, fica mais difícil a conexão dos indivíduos com sua essência, pois não é natural a realização de conexões ou a compreensão das contradições que enformam a realidade. Pier Paolo Pasolini não se enquadra em um marxismo vulgar, distorcido; crítico do capitalismo, o autor se posiciona sempre a favor de um mundo humanizado, o que também é perceptível no romance em análise neste trabalho.

Para Marx, o trabalho corresponde a uma forma de mediação entre homem e natureza, que possibilita a vida social. Nesse sentido, a arte é uma forma de trabalho que cria um mundo próprio, de modo que necessita de mediações para ser compreendida. A atividade artística tem uma dimensão política muito forte, visto que tem a capacidade de revelar/evidenciar aquilo que a parcela desumana da população não consegue perceber; em outras palavras, o poder da arte está em ser ordinário, comum, em revelar aquilo que está ali, mas não é visível. O mundo é heterogêneo; a arte, quando verdadeiramente realista, torna homogêneo esse mundo. Pasolini foi um artista que se esforçou por integrar todas as suas formas de trabalho artístico em um discurso único maior de luta cotidiana, centrado no ser humano e nas suas relações, o que o leva à aproximação entre prosa e poesia que vemos nas obras.

Quando pensamos na vida cotidiana e sua relação com a arte, cabe retomar o que afirma Lukács, para quem a necessidade de objetivação humana se origina na vida cotidiana e, uma vez que essa objetivação gere produtos, eles precisam retornar a ela. Funcionando como ponto de partida e ponto de chegada. O mundo exterior é percebido imediatamente pelos indivíduos, existe independentemente de sua consciência, mas a essência dos fenômenos não é percebida sem mediação. É preciso, então, que a arte produza a elevação do cotidiano, permitindo que o indivíduo entre em contato com o gênero humano - é a catarse. Para Lukács, a partir do momento catártico, o homem passa a ver o mundo com outros olhos e tem possibilidade de superar a fragmentação de uma sociedade fetichizada como a capitalista (FREDERICO, 2013).

A obra literária mostra ao homem a sua potencialidade e seu papel naquele mundo; os aspectos históricos que podem ser encontrados nas narrativas representam a práxis que não pode estar dissociada da história humana. Dessa maneira, a arte – como forma de trabalho – consegue captar a realidade, problematizar a história e auxiliar na compreensão do papel do indivíduo na sociedade.

Pasolini, um intelectual extremamente vinculado à realidade, especialmente interessado na realidade daqueles meninos, concentra sua atenção ali, de modo que o livro é uma representação da vida cotidiana de rapazes subproletários, excluídos dos espaços sociais e do mundo do trabalho formal, que vivem a vida mais autêntica possível dentro das suas limitações. Para Pasolini, aquele é o povo que vive de modo mais genuíno, exatamente por não ter sido contaminado pelas imposições culturais do capitalismo - questão que vai aparecer mais tarde em seus escritos corsários. Ao representar a vida cotidiana de uma parcela invisibilizada da população, Pasolini possibilita a superação da fragmentação por meio da catarse, da conexão com a humanidade, ou seja, da conscientização em relação ao gênero humano. Ao colocar o homem no centro dos acontecimentos, o realismo literário pasoliniano revela a existência degradada daquela população, mostrando a vida na periferia de uma grande cidade europeia, ainda que em um país de capitalismo periférico devastado pela guerra.

É evidente que nos referimos, nesta análise, a um realismo de perspectiva marxista, que reconhece o significado humano na arte, com a figuração de caracteres de classes sociais determinadas. Para abordar a relação entre o eu e a coletividade, Pasolini parte da realidade objetiva que conhece nas borgate de Roma e constrói um mundo próprio da obra de arte capaz de revelar contradições da sociedade e daqueles indivíduos. Essa escolha estética evidencia a posição política de um autor que reconhece a centralidade humana na história e consegue identificar valores que tentam suprimi-la em contexto de dominação fascista.

Afastando-se do marxismo tradicional, o verdadeiro realismo triunfa em “Meninos da vida”, uma obra em prosa cheia de liricidade, identificável pela sensibilidade poética com que o autor representa a Itália pobre, humilde, a simplicidade natural sendo extinta pela Itália do capitalismo pós-guerra com o rumor de fundo incessante do tumulto da cidade.

Referências

FREDERICO, C. *A arte no mundo dos homens*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

PASOLINI, P. P. *Meninos da vida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PASOLINI, P. P. *Ragazzi di vita*. Milão: Garzanti, 1975.